

# A Greve que Ninguém Venceu

Durante 114 dias os jornais estiveram ausentes das ruas de Nova York. Um silêncio que custou bilhões... e para quê?

W. L. WHITE

**Q**UANDO questões trabalhistas fizeram fechar os jornais de Nova York durante 19 dias em 1958, os jornais perderam 25 milhões de dólares de anúncios, e os empregados, cinco milhões de dólares de salários, justamente na época do Natal. Não houve quem não considerasse isto um fato abusivo que nunca mais deveria repetir-se.

Mas, de fins de 1962 a princípios de 1963, a ocorrência se repetiu—e desta vez em escala espantosa. O fechamento dos jornais em 1963 durou quase quatro meses e custou aos jornais 108 milhões de dólares de publicidade e aos empregados 50 milhões de dólares de salários. Reduziu de 70% as vendas nas grandes lojas de departamentos, extraiu do fundo estadual de seguro contra o desemprego a importância de 3 750 000 dólares, exauriu a caixa dos sindicatos e privou o governo estadual e o federal de 12 milhões de dólares

de impostos. A tesouraria do Sindicato dos Jornalistas—o maior dos dez sindicatos envolvidos—ficou tão endividada que os filiados do Sindicato em todo o país terão de fazer contribuições extraordinárias durante dois anos para a recuperação da sua entidade de classe.

E que resultado deu? Proporcionou aos grevistas um aumento de 2,56 dólares por semana e a majoração das suas contribuições para reconstituir a caixa do sindicato.

Ninguém mais põe em dúvida hoje em dia a utilidade dos sindicatos. Mas os métodos, os controles internos e o poder dos sindicatos vêm sendo objeto de debates cheios de preocupação. Nesses debates, a greve de Nova York tem tôdas as condições para tornar-se um caso típico de estudo.

**Irmandade de Sangue.** A greve não irrompeu súbitamente. De ambos os lados as forças se vinham organizan-

do durante anos, havendo alianças que se formavam e firmavam, como acontece antes de explodir uma guerra no mundo.

Nos anos anteriores a 1950, cada um dos dez sindicatos de trabalhadores de jornal de Nova York fazia o seu contrato de trabalho separadamente com cada um dos jornais. Os sindicatos não estavam satisfeitos com êsse processo. Se um sindicato entrasse em greve, o jornal poderia ainda sair sem êle. O único meio certo de fechar um jornal e obrigá-lo a aceitar as condições era todos os sindicatos deixarem o trabalho juntos.

Em 1950, o Sindicato dos Jornalistas, empenhado a êsse tempo num dissídio com o *World-Telegram*, encontrou um meio de conseguir isso. Formou com os outros nove sindicatos um acôrdo de "Irmandade de Sangue", segundo o qual os filiados dos sindicatos mesmo sob contrato com o *World-Telegram* se negariam a transpor a linha de piquêtes do Sindicato. Êsse acôrdo ainda obriga 16 040 filiados de dez sindicatos, indo desde os 6 832 sócios do Sindicato dos Eletricistas, que tinham apenas 142 sócios trabalhando em jornais.

Assim, uma simples maioria até da menor filial de sindicato—mesmo 72 eletricistas—pode, votando pela greve, afastar todos os outros do trabalho, fechando nove jornais e privando quase 20 000 pessoas de trabalhar.

Para contrabalançar o poder da

"Irmandade de Sangue" os proprietários de jornais surgiram com uma aliança correspondente. Fizeram um acôrdo segundo o qual, se houvesse greve num jornal, todos os outros seriam fechados. A Junta Nacional de Relações Trabalhistas aprovou o acôrdo; se os sindicatos podem coligar-se contra os jornais, êstes também podem unir-se contra os sindicatos. Assim, tudo estava preparado. Um sindicato pode afastar do trabalho todos os empregados sindicalizados de qualquer jornal; um jornal atingido por uma greve pode tirar o trabalho de todos os empregados sindicalizados de todos os jornais.

**Empurrão Fraternal.** Enquanto isso, manifestava-se rivalidade entre os próprios sindicatos. Tôdas as categorias sindicais estavam descontentes, especialmente a dos gráficos. O sindicato dos gráficos, Filial 6 de Nova York da União Tipográfica Internacional, fundado em 1850, é o mais antigo sindicato da cidade, e os seus filiados se consideram "aristocratas do operariado". Foi êsse sindicato que tomou a iniciativa na indústria jornalística da cidade para conseguir pensões, férias remuneradas e a semana de 36 horas. Orgulharam-se do seu ofício e da sua longa preeminência.

Foram, porém, afastados da sua posição de liderança pelo Sindicato dos Jornalistas, entidade que olhavam com mal disfarçado desprezo. Ao contrário dos gráficos, que são homens especializados fazendo

serviços idênticos com níveis iguais de salário, os jornalistas englobam uma mistura de repórteres, empregados de escritório, datilógrafos, publicitários, contínuos e cabineiros de elevador, que pouco têm em comum. Ao contrário também dos gráficos o Sindicato dos Jornalistas é nôvo e fraco. Os seus filiados não conseguiram contribuir o suficiente para dar ao Sindicato meios financeiros necessários a uma greve longa.

Em conseqüência de uma série de circunstâncias, os jornalistas tinham um contrato de trabalho que expirava um mês antes dos contratos de outras categorias. Os proprietários haviam procurado negociar um contrato com o débil Sindicato para utilizarem êsse contrato como base para um acôrdo com os outros sindicatos um mês depois. Em vista disso, os gráficos julgaram que estavam perdendo dinheiro e prestígio. Bertram Powers, presidente do sindicato, dizia-lhes que só uma "greve longa" daria remédio às suas queixas.

Em novembro de 1962 o Sindicato conseguiu um acôrdo que os seus chefes consideraram excelente e que dava um aumento semanal de 8,50 dólares a cada empregado. Iriam os chefes dos outros sindicatos, que estavam em negociações com os proprietários, curvar-se mais uma vez diante do vacilante Sindicato aceitando o aumento, ou tratariam de concretizar as ameaças de Powers de uma "greve longa" para conseguir melhor aumento?

**Decisão por Delegação.** Às 18h

40m do dia 7 de dezembro, os proprietários ofereceram aos gráficos de Powers um aumento coletivo de 9,20 dólares, que era um aumento de 70% mais do que o Sindicato havia obtido. Powers não rejeitou a proposta. Disse apenas que iria estudá-la e retirou-se imediatamente para comparecer a uma reunião da Comissão Unitária dos dez sindicatos, de que era presidente. A nova proposta interessava a todos os sindicatos, desde que todos recebessem o que um recebesse.

Nessa altura, faltavam sete horas para o prazo de expiração do contrato dos gráficos, às duas horas da madrugada. Durante essas horas, os proprietários continuaram nas suas negociações com as outras categorias. Por fim, aumentaram a proposta, oferecendo ao Sindicato dos Entregadores um aumento geral de 10,07 dólares. Os representantes dos Entregadores aceitaram a proposta como satisfatória e foram submetê-la à consideração da Comissão Unitária.

Cada um dos dez sindicatos representados na Comissão tinha direito a um voto, independentemente do tamanho do sindicato. O delegado do Sindicato dos Impressores não votou nessa questão decisiva. Os outros nove rejeitaram a proposta dos Entregadores por cinco votos contra quatro. Os efetivos dos 16 040 filiados dos sindicatos não tiveram oportunidade de dar o seu voto na proposta.

Os delegados contrários à greve tentaram inútilmente lutar com

Powers. Se êle achava que 10,07 dólares não eram suficientes, quanto era então que êle queria? Powers se limitava a dizer: "Vamos deixar que me façam uma boa proposta."

Os proprietários esperavam na sala das negociações. Por fim, à 1h 45m da madrugada—apenas 15 minutos antes da expiração do contrato dos gráficos—Powers apareceu. Iniciou a leitura das suas inúmeras exigências. Somavam elas um aumento coletivo de 38,37 dólares semanais por pessoa, "como uma base para negociações", segundo explicou.

Stephen Schlossberg, que servia de mediador, perguntou se o sindicato estava falando sério ao apresentar aquela proposta minutos antes da expiração do prazo. Powers respondeu que sim. Schlossberg perguntou então se não seria possível recuar um pouco a hora a fim de que a proposta fôsse examinada.

—É tarde demais—disse um porta-voz do sindicato.

Em tôda Nova York os gráficos já estavam abandonando as oficinas. Powers conseguira a sua greve.

Quanto tempo iria durar? Quanto conseguiria êle acima dos 10,07 dólares que havia rejeitado?

**O Nevoeiro.** A partir dessa manhã de 8 de dezembro, os habitantes da maior cidade dos Estados Unidos, que compravam 5 700 000 jornais por dia, foram envolvidos por um nevoeiro de silêncio que duraria quatro meses. A televisão se esforçou ao máximo para preencher o vácuo, ampliando extremamente o seu no-

ticiário com grandes despesas e perdendo dinheiro. Apesar disso, durante tôda a greve, os nova-iorquinos foram apenas vagamente informados. Sem a vigilância da imprensa a clamar contra êles, os políticos tiveram campo livre. Por exemplo, o prefeito assinou um acôrdo que custaria aos contribuintes sete milhões de dólares por ano e dava fartas pensões a bombeiros e policiais. Um projeto de construção de uma via expressa no baixo Manhattan, que muitos jornais apoiavam, pois iria aliviar o congestionamento do tráfego, foi discretamente rejeitado pela Comissão de Orçamentos da Prefeitura de Nova York.

James Reston, um dos principais repórteres do *Times* de Nova York em Washington, escreveu: "O Presidente dos Estados Unidos não pode exercer censura sôbre os jornais de Nova York. Mas Bert Powers, chefe dos gráficos de Nova York, pode fechá-los." Que há de livre, perguntava êle, numa imprensa que pode ser amordaçada por um chefe de sindicato?

Por que os proprietários não continuaram a editar os jornais apesar da linha de piquêtes? Os proprietários alegaram uma nova lei municipal de Nova York, que proíbe levar para a cidade trabalhadores para ocuparem lugares "onde houver greve ou *lockout*".

Se essa lei municipal incentiva as greves, há uma estadual que teve o apoio dos trabalhadores organizados e que na realidade subvenciona as

greves prolongadas. De acôrdo com os seus dispositivos, o fundo estadual de seguro contra o desemprego deve pagar a cada grevista 50 dólares por semana, isentos de impostos, durante 26 semanas, desde que a greve tenha passado de oito semanas.

**Responsabilidade Pública.** Powers tinha evidentemente na justa conta a coragem dos ocupantes de cargos eletivos. A 6 de janeiro, as autoridades federais, estaduais e municipais se reuniram para designar uma Junta de Responsabilidade Pública, formada por três juizes. Os proprietários e sete dos dez sindicatos apresentaram as suas razões no caso. Powers, além de negar-se a comparecer perante a junta, conseguiu convencer mais dois sindicatos a aderirem ao seu boicote.

No dia 11 de janeiro, a junta apresentou um relatório em que dizia que Powers havia deliberadamente planejado uma "greve prolongada" a fim de forçar os proprietários "a capitularem ante a pressão econômica da ameaça de extinção". O relatório concluía com recomendações vazias para que fossem intensificadas as reuniões de negociações e a mediação. Mas a posição de Powers nesses festivais de conversa já estava firmada. "O que vale é a fôrça", havia êle dito. "Se os dissídios se resolvessem com a justiça e a razão, não haveria sindicatos."

Grande parte dessa fôrça vinha, porém, da organização nacional, que estava exaurindo o seu fundo de pensões para permitir que os gráficos de

Nova York recebessem benefícios de greve que subiam a 96 dólares por semana. Nessa altura, o Sindicato dos Jornalistas já estava em situação de penúria, mas as coisas melhoraram para ambos os sindicatos em princípios de fevereiro, quando todos os grevistas passaram a ter direito a receber o seguro de desemprego. Para os gráficos de Powers, êsses 50 dólares, somados aos 70 que já recebiam do sindicato, representavam quase tanto quanto o seu salário de antes da greve. Para que ter pressa?

Nova York esperou semanas a fio, enquanto os mediadores se agitavam de um lado para outro. Se os proprietários fôssem forçados a aceitar os 38,37 dólares exigidos por Powers, seria um desastre para os jornais. Na verdade, em Nova York, assim como na maior parte dos Estados Unidos, os jornais estão em situação financeira precária. O próprio *Times*, um dos grandes jornais do mundo, consegue com o jornal pròpriamente dito apenas cêrca de 1% de lucro. Desde 1930, cinco grandes jornais de Nova York acabaram.

No dia 21 de fevereiro, o Presidente Kennedy advertiu que as exigências de Bertram Powers poderiam matar vários dos sete jornais que restavam em Nova York. Se os três mais fracos não pudessem resistir, isso suprimiria mais de 4 500 empregos com uma remuneração de 34 milhões de dólares por ano.

A declaração do Presidente ajudou a romper o impasse. Powers estava

já sofrendo uma pressão cada vez maior da parte dos trabalhadores. A Comissão Unitária estava descontente com o fato de Powers não lhe comunicar o que estava acontecendo. No Sindicato, crescia um forte movimento pela volta ao trabalho.

A pedido do Prefeito Robert F. Wagner, o presidente nacional da União Tipográfica Internacional, Elmer Brown, chegou de Colorado Springs para convencer Powers. Brown tinha responsabilidades perante todos os gráficos sindicalizados dos Estados Unidos, que estavam pagando mensalidades maiores para sustentar a greve. O Prefeito Wagner, que procurava facilitar um acôrdo, dentro em pouco se viu em negociações diretas com as autoridades nacionais da União Tipográfica Internacional. Em princípios de março elaborou-se um aumento coletivo, que foi aceito pelos proprietários e pela União Tipográfica. Mas Powers ainda resistia. Só quando Brown ameaçou de suprimir todos os subsídios do sindicato nacional foi que Powers concordou finalmente em submeter a proposta do Prefeito a todos os sócios da Filial 6. A princípio, no dia 17 de março, êles rejeitaram, indignadamente, o acôrdo. Foi preciso o sindicato nacional ameaçar de nôvo a suspensão de todos os benefícios da greve para que o acôrdo fôsse aprovado no dia 24 de março.

**Aumento Dispendioso.** Com a greve quase terminada, os sócios do sindicato puderam afinal examinar

o aumento que os seus líderes lhes haviam conseguido. Importava em 12,63 dólares—apenas mais 2,56 dólares do que a proposta de 10,07 dólares que poderiam ter aceito três meses antes, na noite de 7 de dezembro.

Mas o Sindicato dos Gravadores, com apenas 371 sócios, se negou veementemente a ratificar o acôrdo. Durante a greve, quando havia expirado o contrato que tinham, Powers não os deixara entrar em negociações com os proprietários. Os chefes dos gravadores queriam mostrar que podiam conseguir um acôrdo melhor do que o conseguido por Powers.

As conversações se arrastaram enfadonhamente. Outros sindicalizados se irritavam com isso, especialmente os 6 832 angustiados sócios do Sindicato, que haviam chegado ao máximo dos empréstimos sôbre os seus automóveis e as suas apólices de seguros para manterem suas famílias. Os encarregados das negociações corrigiam febrilmente pontos secundários para que no fim tudo parecesse diferente e viesse a dar exatamente no mesmo aumento de 12,63 dólares. Os gravadores finalmente ratificaram o acôrdo refundido a tempo de os primeiros jornais irem para a rua na manhã de 1.º de abril, depois de 114 dias de greve.

O que os trabalhadores sindicalizados ganharam com a greve foi insignificante. E os outros? Os vendedores de jornais perderam 11 700 000 dólares; os restaurantes, 16 milhões; os hotéis, dois milhões; e as estradas

de ferro, dois milhões. A União Tipográfica Internacional pagou 3 600 000 dólares em benefícios de greve aos gráficos de Nova York, que os gráficos do resto dos Estados Unidos tiveram de pagar por meio de mensalidades mais altas. O Sindicato de Nova York esgotou a sua caixa e contraiu dívidas de 700 000 dólares. O custo total dos quatro meses de greve para os jornais, para os empregados, para os sindicatos, para a coletividade—foi calculado

entre 189 350 000 e 250 000 000 de dólares.

Atualmente, da força de trabalho de 72 milhões de pessoas dos Estados Unidos cerca de 24% são sindicalizados. Há, sem dúvida, muitas razões legítimas para a existência dos sindicatos. Mas há dúvidas não menos válidas sobre seus erros, o poder e as ambições dos seus líderes e o exorbitante preço de algumas greves, tanto para a coletividade quanto para os sócios dos sindicatos.

---

A HUMORISTA Dorothy Parker estava presente a um jantar em homenagem a um governador. Durante os discursos, o conviva ao lado de Miss Parker soltou um arrôto alto.

—Não se preocupe—disse baixinho Miss Parker a seu confuso companheiro.—Pedirei seu perdão ao governador.

—John Baragwanath, no "Programa Jack Paar", NBC-TV

---

### *Penas Afiadas*

CARTA de dois leitores ao *Time*: "Os senhores publicaram o nome de uma aldeia da Nova Zelândia chamada: Taumatawhakatangianga-kouotamateaturipukakapikimaungahoronukupokaiwhenuakitanataha. Poderiam fazer o favor de informar onde é o acento tônico?"

CONTRIBUINTE contrariado a coletor de impostos: "Agora sei o que o Presidente queria dizer quando declarou: 'Não perguntem o que seu país pode fazer por vocês, perguntem o que vocês podem fazer pelo seu país.'"

—*Newsweek*

UMA MULHER de Nova Jersey conquistou a simpatia dos funcionários que trabalham para o Senador Clifford Case. No final de uma carta em que se queixava da atuação dos membros da comissão de orçamento do Senado e da Câmara, ela acrescentou: "Como sou secretária, não estou indicando meu endereço. Não quero dar a outra secretária o trabalho de responder a malucos."

—*Herald Tribune* de Nova York